

---

## OLHAR A CIDADE SOB A ÓTICA HISTÓRICO–ARQUITETURAL

Juciene Batista Félix Andrade<sup>1</sup>  
[jucieneandrade@yahoo.com.br](mailto:jucieneandrade@yahoo.com.br)

*(...) a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas do pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.*

*Ítalo Calvino<sup>2</sup>*

Existem diversas formas de se adentrar o perímetro urbano de uma cidade. Nesse percurso múltiplos caminhos podem surgir. Pode ser o olhar que se embrenha pelas reformas urbanas podendo evidenciar uma relação da cidade com a modernidade, podem ser as sociabilidades tentando-se perceber como seus moradores vivenciavam seu cotidiano, as festas, os divertimentos, os namoros, os choros, os tempos livres<sup>3</sup>, há também a cidade pensada pela ótica da saúde ou da doença<sup>4</sup> e nesse ínterim entram em cena fontes que possibilitem fazer leituras nessa direção que podem ser arquivos de hospitais, clínicas médicas, certidões de nascimentos e óbitos, etc.

Já as educabilidades podem nos trazer um perfil dos habitantes e sua relação com a educação ou não, aqui entram em cena fontes como os arquivos de colégios públicos ou particulares, listas de matrículas, fotos, fardas, diários pessoais, etc. Enfim, como afirmaria Ítalo Calvino, uma cidade comporta muitas cidades. Mas, a que nos interessa aqui é a cidade pensada através da linguagem arquitetural.

Antes disso, seria profícuo pensar um pouco acerca dos estudos que levam como objeto de análise o fenômeno urbano no qual podemos localizar os estudos sobre cidades. No século XIX surgiram pensadores da sociedade que tomaram a cidade como objeto de reflexão e tentaram compreender as especificidades de se viver no urbano. Muitos autores são velhos conhecidos nossos, citaremos apenas alguns para referência, dentre eles Karl Marx, Friedrich Engels, Fustel de Coulanges, Lewis Mumford entre outros. Outros nomes figuram no mundo das artes e fizeram suas observações acerca do fenômeno citadino foram Charles Dickens,

---

Charles Baudelaire, Monet e suas pinturas que retratam o cotidiano das cidades no estilo impressionista.

No século XX, os analistas do fenômeno urbano começaram a associar as cidades “as preocupações com a função econômica, com o modo de vida do cidadão, com a forma urbana e sua organização social, com a representação e com o imaginário da cidade, com as relações entre o público e o privado”<sup>5</sup>.

Enfim, a cidade passou a ser tomada e pensada metaforicamente como um espaço de escrita onde inúmeros textos são tecidos em seu perímetro pelos passantes que habitam seu espaço sejam estes temporários ou não, ou seja, a própria cidade é o espaço do texto. Podem ser textos oficiais que organizam o espaço, hierarquizam-no na intenção de discipliná-lo, mas também pode ser um texto mudo, um texto que não emerge, um texto subliminar, um não-lugar como afirmaria o antropólogo Marc Augé.

Pensar a cidade pela ótica discursiva nos possibilita conjecturar acerca dos inúmeros textos inscritos em seu espaço, dessa forma pode-se analisar,

A aplicabilidade da metáfora da “escrita” à cidade tem, certamente, diversos sentidos. Existe por exemplo a escrita produzida pelo desenho das ruas, monumentos e habitações – em duas palavras: a escrita arquitetônica de uma cidade. Trata-se de uma escrita sincrônica, que nos fala daqueles que a habitam, e também de uma escrita diacrônica, que nos permite decifrar a “história” da cidade que é lida. A cidade, em muitos casos, vai superpondo temporalidades (...).<sup>6</sup>

A cidade pode ser tomada metaforicamente como um discurso e sendo compreendido como uma forma de linguagem nos permite apropriarmos do patoá arquitetural para podermos comunicar essa fala que é muda. Essa fala se converte num conjunto simbólico através de uma grafia muito própria que é composta por um conjunto de significantes que não correspondem a uma forma de texto, nem de vocabulário verbal, mas sim estilos, formas, modelos que significam um discurso grafado que se estabelece numa relação com o olhar.

Nesse ponto, nos descolamos da idéia de que a história é sempre texto, ou pelo menos se tenciona encontrá-la nesse suporte, pois “Negar a redutibilidade da história ao texto não significa, por outro lado, admitir que haja uma história independente do texto. A história é sempre texto, ou mais amplamente, *discurso*, seja ele escrito, iconográfico, gestual, etc.”<sup>7</sup>

Através dessa gesta tentaremos então estabelecer um duplo movimento: o primeiro se constitui na beleza do morto para usar um termo de Michel de Certeau, ou melhor, na beleza do que pode ser estudada apenas através dos fragmentos de memórias amareladas pela ação

do tempo (as plantas-baixas<sup>8</sup>); a segunda ação consiste em convocar para nosso texto o uso de autorias que permitem pensar na historicidade da cultura material do espaço como uma possibilidade de leitura das sensibilidades de outrora da sociedade. Portanto, os historiadores Fernand Braudel e Daniel Roche com seus trabalhos que caminham na direção tanto do espaço como da cultura material da sociedade.

Mas, ainda nos interessa mais um questionamento no decorrer desse percurso: o que faria um historiador de posse de documentação relacionada diretamente à arquitetura? Essa pergunta nos (co)move, pois por ora ainda hesitamos nessa estrada. Inicialmente esses documentos podem ser encontrados nos arquivos do Poder Executivo<sup>9</sup>. Como são compostos em sua maioria por plantas baixas e licenças de construções e reformas são facilmente localizados nos arquivos públicos das prefeituras. É uma série documental extensa dada a quantidade de plantas baixas existentes e arquivadas.

Em grande medida, ainda é um tipo de fonte pouco explorada em termos de pesquisa histórica<sup>10</sup> pois o diálogo com a mesma não é tão simples como se pensa a primeira vista. O trabalho com esse tipo de fonte vai-nos ajudar a perceber um pouco da cultura material da cidade naquele momento bem como pensar acerca das divisões sociais nas cidades, pois estaremos analisando as casas, adentrando seu interior, seus cômodos, sua extensão. E perguntas vão surgindo nesse percurso. O que existia em Campina Grande na década de 1930? Quais lojas? Que tipo de mercadorias os consumidores dessa cidade tinham acesso? Onde se localizavam? Essas perguntas nos ajudarão a cartografar um perfil da cidade juntamente com o perfil dos habitantes da mesma.

Um campo que só podemos ter acesso ou pela narrativa dos que viveram aqueles tempos e que possa ainda nos comunicar suas memórias. Essas plantas também informam as casas comerciais, as suas localizações, os donos bem como as formas arquiteturais adotadas naquele momento, pois “Sua paisagem fala de sua tecnologia, de sua produção material; seus monumentos e seus pontos simbólicos falam da vida mental dos que nela habitam (ram) e daqueles que a visitam (...)”<sup>11</sup>.

Se anteriormente nos referíamos a miríades de leituras em relação à cidade, vamos agora acrescentar mais uma. O texto vai tratar da relação história e arquitetura na possibilidade de se realizar uma leitura da cidade através dessa série documental. Para tanto, vamos trazer para reflexão as plantas baixas dos inúmeros imóveis da cidade de Campina Grande nos anos de 1930. Entre as licenças concedidas pela prefeitura municipal entre

reformas e construções nesses anos, Campina vai surgindo através dos desenhos. É uma cidade que não existe mais fora desses papéis amarelados pelo tempo. São cores e formas que se delineiam através do lápis e da sensibilidade do arquiteto oficial da prefeitura Isaac Soares e também pelas mãos da desenhista Marina Carvalho. É um exercício de rememoração mediado pelos papéis que nos permitem acessar uma cidade “congelada” nos desenhos das plantas baixas.

Escolhemos quatro plantas-baixas para pensar esse exercício. A primeira planta que tratamos aqui está referenciada ao senhor Aluázio Silva, comerciante na cidade, situada a Rua Afonso Campos região central. O desenho/planta se compõe de três partes: a primeira parte apresenta o imóvel numa perspectiva geral e a assinatura do arquiteto licenciado da prefeitura Isaac Soares, a segunda mostra detalhadamente os cômodos e o entorno da residência e a terceira apresenta o desenho em perspectiva longitudinal. O imóvel apresenta uma varanda que conduz a sala principal da casa onde comporta dois ambientes (6,00 x 3,00m) onde também estão localizados dois dos quartos (4,50x2,95m) e (3,50x2,95m) que compõe o espaço. Tem-se ainda uma copa (2,35x2,85m), um banheiro (2,35x2,85m) interno mais 1 quarto (3,50x2,35m) e cozinha (3,50x2,35m). Termina com um alpendre e o quarto (2,00x2,00m) reservado a “creada” mais um banheiro (1,45x2,00m). A frente da casa no térreo situava-se a garagem.

A segunda planta baixa de propriedade do senhor José Raimundo ficava localizado a Rua 13 de Maio, região central de Campina Grande. Temos apenas uma planta-baixa que apresenta a perspectiva geral do imóvel, a planta-baixa detalhando os cômodos da casa bem como o corte longitudinal. A casa apresenta um jardim com varanda, sala de visitas (2,50x2,10m) e jantar(3,80x2,10m), copa (2,50x2,10m) e cozinha (3,00x2,10m) separadas, mais quatro quartos (3,00x2,10m), (3,00x2,10m), (2,50x2,10m) e (2,50x2,10m), fora da área integrada da casa está o banheiro (1,50x2,10m).

A terceira planta-baixa é de propriedade do senhor Manoel Antônio de Miranda situado a Avenida “Progressista” no bairro da Prata. Na mesma planta situa-se a perspectiva geral do imóvel mais detalhamento dos cômodos mais corte longitudinal. Apresenta um terraço na entrada do imóvel, dois quartos (3,00x2,30m) uma sala de visitas(2,80x3,30m) e outra de jantar (4,00x3,30m), cozinha ( ? x2,30m), em separado, fora da área construída, situa-se o banheiro com área de banho (1,40x1,40m) e com indicação para ser ligada a casa.

Esse documento está datado de 11 de março de 1937, como construtor e desenhista, José Honorato e Antonio Rodrigues respectivamente.

Por fim, um pequeno croqui que apresenta um desenho de uma casa a ser construída a Rua Bella Vista de propriedade de “Joaquim da Costa”. Num pequeno papel desenhado, uma planta de uma casa pequena composta por uma sala (2,50x2,50m), um quarto (2,50x3,00m), um corredor, uma referência a jantar (3,00x1,80m), não existe referência ao banheiro.

Com essa pequena amostra pode-se pensar acerca das seguintes questões: o espaço físico da cidade de Campina Grande nos anos de 1930 estava passando por um processo intenso de disciplinarização ou um restauro urbanístico<sup>12</sup>. Os imóveis cadastrados na prefeitura municipal apresentam além das plantas o processo de licença para construção, reforma, alinhamento ou quaisquer outras interferências necessárias.

As quatro plantas selecionadas nos permitem pensar a relação história e arquitetura acerca das questões espaciais da cidade, uma disciplinarização da arquitetura da cidade, mas também nos permite entrever alguns indícios de relações sociais existentes nesse espaço. Na primeira planta-baixa encontra-se um desenho vultoso do imóvel do senhor Aluizio, observa-se que os cômodos da casa são amplos e espaçosos tomando como referência as medidas de cada espaço. Há também a presença de um quarto para criados nos fundos da casa. Nas outras duas plantas-baixas observa-se que os espaços são amplos, mas sentimos falta de duas coisas: a presença de banheiro dentro da casa e um quarto para criados, a última planta-baixa apresenta uma compleição ainda mais simples possui apenas três cômodos. Imaginamos se tratar de alguém com poucas posses para poder pagar o trabalho do arquiteto, desenhista e também de possuir subsídios para construir uma casa maior do que a que está posta na planta. Essa é apenas uma pequena amostra das plantas-baixas dos imóveis de Campina na década de 1930. Acreditamos que de posse desse material poderemos realizar uma leitura que nos permita adentrar o espaço citadino tendo uma vista privilegiada de uma “nova escrita arquitetural” que intenta transformar a paisagem da cidade bem como analisar das relações sociais existentes na cidade.

Para finalizar esse pequeno *insight* pensamos em como recuperar as sensibilidades do passado? Como podemos realizar esse exercício tanto no campo da historiografia como no campo da empiria?

Utilizando como aporte de discussão o texto de Sandra Jatahy Pesavento, a saber, “Sensibilidades: escrita e leitura da Alma”<sup>13</sup> como um referencial de diálogo e de como

articular o exercício de recuperar sensibilidades passadas, analisamos que para tal exercício o historiador precisa trazer para o presente as sensibilidades de outrora, ou melhor, as formas de ver e de sentir dos homens de outros tempos. Esse seria o primeiro passo para se compreender a existência de uma distância tempo-cultural desse outro, (o passado).

Portanto, estaríamos realizando um exercício hermenêutico que é compreender a experiência desse outro, suas mudanças e permanências a partir de diversas inscrições temporais. Sendo assim, esse será um exercício de restaurar um esquecimento e encontrar os homens através dos traços ou vestígios que eles deixaram. Essa noção de vestígios se constitui no elo indizível que liga o tempo por intermédios de seus vestígios memorativos.

As marcas de historicidade desse outro podem ser captadas pelo historiador, pois com seu saber acumulado teceria correlações e interpretações acerca de sensibilidades de outro tempo. Por marcas de historicidade entenda-se “imagens, palavras, textos, sons, práticas, objetos - o que talvez seja possível nomear como evidências do sensível”.<sup>14</sup> Enfim, para tal intento, se faz necessário um olhar treinado e sensível às evidências numa busca pelos fragmentos que aguçam um exercício das sensibilidades no cenário urbano campinense.

<sup>1</sup> Doutoranda em História pela UFPE/ Bolsista CAPES

<sup>2</sup> CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 15.

<sup>3</sup> CORBIN, Alain. **História dos Tempos Livres**. Lisboa: Teorema, 2001.

<sup>4</sup> VIGARELLO, Georges. **O Limpo e o Sujo: A Higiene do Corpo desde a Idade Média**. Lisboa: Fragmentos, 1985.

<sup>5</sup> BARROS, José D' Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 17.

<sup>6</sup> BARROS, José D' Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 41.

<sup>7</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **História e Análises de Textos**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. p. 377-378.

<sup>8</sup> Planta-baixa é o nome que se dá ao desenho de uma construção. É um diagrama dos relacionamentos entre salas, espaços e outros aspectos físicos em um nível de uma estrutura. Nela devem estar detalhadas em escala as medidas das paredes (comprimento e espessura), portas, janelas, o nome de cada ambiente e seu respectivo nível.

<sup>9</sup> MARTINS, Ana Luiza. **Fontes para o Patrimônio Cultural: uma construção permanente**. In: LUCA, Tânia Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi et al. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 293 – 296.

<sup>10</sup> PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 32

<sup>11</sup> BARROS, José D' Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 40

<sup>12</sup> Esse restauro urbanístico também se refere a um restauro social.

<sup>13</sup> LANGUE, Frédérique; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.

<sup>14</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Sensibilidades e escrita da alma**. In: LANGUE, Frédérique; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007. p. 19.

---

**Referências:**

BARROS, José D' Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História**: Ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CORBIN, Alain. **História dos Tempos Livres**. Lisboa: TEOREMA:, 2001.

LUCA, Tânia Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi *et al.* **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

VIGARELLO, Georges. **O Limpo e o Sujo**: A Higiene do Corpo desde a Idade Média. Lisboa: Fragmentos, 1985.